22 out

Evgeny Kissin

András Schiff

GULBENKIAN MÚSICA

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • 1956—2026 70

Evgeny Kissin Piano
András Schiff Piano

Wolfgang Amadeus Mozart

Sonata para dois pianos,
em Ré maior, K. 448

1. *Allegro con spirito*
2. *Andante*
3. *Allegro molto*

Robert Schumann

Andante e Variações para dois pianos,
em Si bemol maior, op. 46

Bilder aus Osten (Quadros do Oriente), para piano a quatro mãos, op. 66

1. *Lebhaft*
2. *Nicht schnell und sehr gesangvoll zu spielen*
3. *Im Volkston*
4. *Nicht schnell, "Chanson Orientale"*
5. *Lebhaft*
6. *Reuig andächtig*

INTERVALO 20 MIN

Bedřich Smetana

*O Moldav*a, para dois pianos

Antonín Dvořák

Dança Eslava em Dó maior, op. 46 n.º 1
Dança Eslava em Mi menor, op. 46 n.º 2
Dança Eslava em Lá bemol maior, op. 46 n.º 3
Dança Eslava em Dó menor, op. 46 n.º 7
Dança Eslava em Sol menor, op. 46 n.º 8
Dança Eslava em Si maior, op. 72 n.º 1
Dança Eslava em Mi menor, op. 72 n.º 2
Dança Eslava em Dó maior, op. 72 n.º 7

DURAÇÃO APROXIMADA 135 MIN

Wolfgang Amadeus Mozart

Salzburgo, 1756 – Viena, 1791

Sonata para dois pianos, em Ré maior, K. 448

Composição 1781 Duração c. 23 min

Wolfgang Amadeus Mozart é considerado um dos representantes máximos do chamado classicismo vienense, tendo desenvolvido um estilo bastante pessoal, produto da confluência entre o lirismo da ópera italiana e a tradição instrumental germânica, no qual naturalmente sobressai a sua beleza melódica, a sua elegância formal, bem como a sua riqueza a nível harmónico e textural. Autor de uma obra vasta e variada, é possível constatar que dominou todos os géneros sobre os quais se debruçou. O seu estabelecimento definitivo em Viena, em 1781, deu início à fase mais produtiva do seu percurso, na ânsia de alcançar o reconhecimento público enquanto pianista e compositor. Estilisticamente, a extravagância dos últimos anos de Salzburgo dava agora lugar a um novo interesse pela clareza das texturas, pelo contraponto, pelo cromatismo e por detalhes ao nível do ritmo e da articulação.

Por essa altura, o piano desempenhou, de facto, um papel central na sua sobrevivência enquanto quase-*freelancer*, como revela o grande número de concertos que então compôs para este instrumento. As suas primeiras peças para piano a quatro mãos datam ainda da sua infância, concebidas para serem executadas por si e pela irmã, Nannerl, na fase em que o pai, Leopold Mozart, exibia os filhos pelos salões europeus. Na década de 1770 tinha mesmo composto duas sonatas para piano a quatro mãos (K. 358 e K. 381), assim como o Concerto para dois Pianos, em Mi bemol maior, K. 365. E foi justamente em 1781 que Mozart compôs aquela que seria a sua única sonata para dois pianos. Esta obra foi escrita não para a irmã, mas para a sua aluna Josepha Barbara von Auernhammer (1758-1820), a talentosa filha de Johann Michael von Auernhammer, uma figura importante no círculo da burguesia vienense, que se tinha tornado sua aluna pouco depois do seu estabelecimento em Viena e a quem reconhecia qualidades pianísticas apreciáveis. Sabe-se que a 23 de novembro desse ano ofereceram um concerto no salão dos Auernhammer, na presença

da aristocracia vienense, em cujo programa constava o Concerto para dois Pianos, K. 365, assim como a nova Sonata para dois Pianos, K. 448. A obra enquadra-se na produção vienense inicial para o instrumento, visando essencialmente promover a sua visibilidade junto de *connoisseurs* e potenciais patronos. Mas não se trata de um simples divertimento: a sua rigorosa construção clássica alia-se a uma escrita elegante e virtuosística, que oscila entre o espírito da música de câmara e uma retórica quase orquestral, que coloca sempre os dois executantes em destaque.

Concebido numa forma sonata, o primeiro andamento abre com um gesto resoluto, em oitavas, dos dois instrumentos, que depois repartem entre si fragmentos da melodia. Cabe ao segundo piano apresentar o segundo tema, *dolce*, em Lá maior, enquanto o primeiro piano comenta. Após um curto desenvolvimento tem lugar uma reexposição quase literal, surgindo agora o segundo tema, em Ré maior, no primeiro piano. Segue-se um *Andante*, em Sol maior, que decorre sempre numa atmosfera mais intimista. O segundo piano começa por assumir um papel de acompanhamento, como se de um concerto para piano se tratasse, enquanto o primeiro piano apresenta uma melodia modelada no lirismo operático italiano, mas a lógica do duo instala-se de novo, com ambos os instrumentos a dividirem o protagonismo. Uma secção central parte de Ré maior, passa brevemente pelo modo menor e conduz ao regresso da secção inicial na tonalidade principal. Por fim, o terceiro andamento, de novo em Ré maior, é um rondó repleto de humor e contrastes cativantes, a vários níveis, explorando uma relação quase teatral entre os dois instrumentos. O tema principal, enérgico e extrovertido, é colocado em contraste com um episódio em Lá menor, mais expressivo, e com um outro episódio em Sol maior, num espírito jovial. O primeiro episódio regressa inesperadamente, agora em Ré menor, até que a última aparição do refrão encerra a sonata de modo empolgante.

Robert Schumann

Zwickau, 1810 – Endenich, 1856

Andante e Variações para dois pianos, em Si bemol maior, op. 46

Composição 1843 Duração c. 13 min

Bilder aus Osten, para piano a quatro mãos, op. 66

Composição 1848 Duração c. 20 min

Robert Schumann foi um dos principais expoentes do Romantismo musical, tendo-se destacado sobretudo pelo contributo que deu à música para piano e ao *Lied* germânico. Cedo revelou o seu interesse pela música e pela literatura, o que o levaria a desenvolver um estilo composicional profundamente marcado por modelos literários, cujas implicações se observam não só na sua produção de *Lieder*, mas também na própria música instrumental.

O Andante e Variações, op. 46, foi composto originalmente em 1843 para uma formação bastante inusitada, constituída por dois pianos, dois violoncelos e trompa. Ainda nesse ano, Schumann preparou uma versão para dois pianos, publicada em 1844. A versão original só seria publicada postumamente em 1893. Entretanto, estas variações já tinham alcançado um destaque assinalável no âmbito do repertório para dois pianos, tendo sido apresentadas inúmeras vezes por Clara Schumann ao lado de diferentes pianistas de renome no seu tempo.

No *Andante espressivo* inicial é exposto um tema que estabelece desde logo uma atmosfera intimista e onírica, tipicamente schumaniana, pontuada por dissonâncias suaves. Sobrevém então uma série de variações, bastante imaginativas no modo como os instrumentos partilham o material musical e elaboram sobre o tema em sucessivos episódios contrastantes. Após duas variações mais movimentadas, uma mais expressiva e outra de carácter vigoroso, tem lugar uma variação lenta, quase fúnebre, em Si bemol menor. O tempo e a atmosfera expressiva inicial são recuperados na variação seguinte, e depois de um momento mais jocoso e brilhante inicia-se um episódio majestoso, em Mi bemol maior. A tonalidade principal

de Si bemol maior é restabelecida logo a seguir, numa variação *dolce*, em tercinas, que conduz a uma derradeira evocação nostálgica do tema.

Os *Bilder aus Osten* (Quadros do Oriente), op. 66, foram compostos por Schumann em dezembro de 1848, como um presente de Natal para a sua esposa Clara. Trata-se de um conjunto de seis *impromptus* inspirados num conjunto de poesias árabes – os *Maqāmāt* (contos da vida árabe) de Al-Hariri de Basra, poeta medieval islâmico –, que o compositor tinha conhecido na tradução livre elaborada por Friedrich Rückert, a qual em 1826 tinha atraído bastante atenção no meio literário alemão. No prefácio da obra, Schumann comparou a personagem central da seleção de Rückert à figura de Till Eulenspiegel – o conhecido trapaceiro do folclore alemão –, revelando que o seu objetivo com essas peças era "expressar a poesia e o pensamento orientais na nossa própria arte". Assim, o compositor não o faz recorrendo propriamente a elementos de cor local, como seria expectável para sugerir a associação ao oriente, mas essencialmente através da sua própria linguagem composicional, e as indicações textuais são bastante genéricas, cabendo ao ouvinte tentar situar-se na história.

O primeiro quadro, *Lebhaft* (Animado), em Si bemol menor, é algo inquieto, incluindo uma secção central mais tranquila, no modo maior, enquanto o segundo, *Nicht schnell und sehr gesangvoll zu spielen* (Para ser tocado sem pressa e muito *cantabile*), em Ré bemol maior, decorre numa atmosfera sempre lírica e serena. Já o terceiro quadro, *Im Volkston* (Em estilo popular), em Ré bemol maior, tem um carácter festivo, e o seguinte, *Nicht schnell* (Moderado), de novo em Si bemol menor, é baseado numa melodia melancólica. A quinta peça, *Lebhaft*, em Fá menor, é bastante enérgica, passando por uma secção central mais descontraída, em Fá maior, e o último quadro, *Reuig andächtig* (Arrependidamente devoto), de novo em Si bemol menor, remete explicitamente para a penitência final do protagonista, sendo a um tempo solene e expressivo, com momentos mais agitados, antes de concluir serenamente no modo maior.

Bedřich Smetana

Litomyšl, 1824 – Praga, 1884

O Moldava, para dois pianos

Composição 1874 Duração c. 12 min

Bedřich Smetana é reconhecido na história da música pelo importante papel que desempenhou na afirmação da música nacional checa. A sua educação tinha sido essencialmente germânica, mas no final da década de 1840 deixou-se seduzir pelo fervor revolucionário que então se disseminava pela Europa, concedendo ao folclore checo um lugar crucial na sua linguagem musical. Os últimos dez anos da sua vida foram marcados por um acentuado declínio do seu estado de saúde, devido ao avanço da sífilis. Porém, isso não o impediu de continuar ativo enquanto compositor. Com efeito, em 1874 verificava-se o estabelecimento de uma surdez total, mas foi nos anos seguintes que compôs algumas das suas obras mais relevantes.
É dessa fase que data *Má vlast*, um ciclo de seis poemas sinfónicos compostos entre 1874 e 1879, com os quais, em linha com os ideais do nacionalismo musical de finais do século XIX, pretendia descrever aspetos da geografia, das lendas e da história da Boémia.
O número dois desta série, *Vltava* (O Moldava), foi composto entre 20 de novembro e 8 de dezembro de 1874, tendo sido estreado em Praga a 4 de abril do ano seguinte, sob a direção de Adolf Čech. O próprio Smetana arranjaria a peça para piano a quatro mãos, e mais tarde alguns outros elaborariam versões para dois pianos.

Concebido de acordo com o modelo formal do rondó (incluindo ainda uma coda), este poema sinfónico descreve, segundo as notas do compositor para o seu editor, o percurso do rio Moldava, um dos principais rios da Boémia. As origens do curso de água em duas pequenas fontes nas montanhas são evocadas pelas primeiras figurações borbulhantes, originalmente nas flautas e nos clarinetes acompanhados por violinos e harpas. No seu percurso pelos bosques e pelos prados, assiste a celebrações camponesas e a um casamento aldeão, descritos com danças folclóricas, bem como às brincadeiras ao luar das ninfas do rio, antes de um episódio mais tempestuoso. Aquando da passagem

por Praga e pelo mítico castelo Vyšehrad a música alarga-se majestosamente, com o contributo dos metais, e o Moldava desaparece no horizonte, onde desagua tranquilamente no Elba.

Antonín Dvořák

Nelahozeves, 1841 – Praga, 1904

Danças eslavas, op. 46 e op. 72 (seleção)

Composição 1878/1886 Duração c. 38 min

Antonín Dvořák assumiu-se como um dos mais destacados compositores checos de orientação nacionalista no século XIX, com uma música que foi por vezes menorizada como ingénua e espontânea, mas que de facto é marcada pela sua versatilidade e complexidade. Apesar de ser um pianista competente, nunca no seu percurso criativo a composição para piano assumiu uma importância análoga à da música orquestral e de câmara. A sua produção para esse instrumento consiste sobretudo em danças e peças de carácter, uma música agradável e atrativa, sem grande ambição técnica, marcada pela invenção melódica e rítmica, destacando-se o caso paradigmático das *Danças eslavas*.

Em 1878, a pedido do seu editor, Fritz Simrock, que pretendia capitalizar com a voga de interesse pelo folclore musical da Europa de leste, Dvořák levava a cabo a composição e publicação da primeira série dessas peças, op. 46. Concebidas originalmente para piano a quatro mãos, tomavam como modelo as *Danças húngaras* de Brahms, mas ao contrário destas não se baseavam em melodias pré-existentes: Dvořák criou as suas próprias melodias baseando-se nas características rítmicas das diferentes danças. Após a estreia em Dresden, ainda nesse ano, em versão orquestral, alcançariam grande popularidade por toda a Europa, lançando a fama do autor. Foi já em 1886 que o compositor terminou uma segunda série, op. 72, que seria estreada parcialmente no ano seguinte, em Praga, também em versão orquestral.

Notas de Luís M. Santos

Evgeny Kissin

O virtuosismo e a qualidade poética das interpretações de Evgeny Kissin guindaram-no a um lugar de destaque entre os principais pianistas da sua geração. Nasceu em Moscovo em 1971 e aos seis anos de idade ingressou na Escola de Música Gnessin, em Moscovo, onde estudou com Anna Pavlovna Kantor, sua única professora. Aos onze anos estreou-se em público, em Moscovo. Em 1984 despertou a atenção internacional quando interpretou os dois Concertos para Piano de Chopin, com a Filarmónica de Moscovo e o maestro Dimitri Kitaenko, no Conservatório de Moscovo.

A sua primeira atuação fora da Rússia teve lugar em 1985. Apresentou-se no Japão no ano seguinte e, em 1987, no Festival de Berlim. Em 1988, estreou-se em Londres, com a Sinfónica de Londres e Valery Gergiev, e tocou com a Filarmónica de Berlim, sob a direção de Herbert von Karajan. Em 1990 nos *BBC Proms* e apresentou-se pela primeira vez nos EUA, com a Orquestra Filarmónica de Nova Iorque e Zubin Mehta.

Evgeny Kissin recebeu numerosas distinções: Prémio de Cristal do Auditório de Osaka (1987), "Músico do Ano" da Academia de Música Chigiana di Siena (1991), "Jovem Músico do Ano" para a *Musical America* (1995), Prémio Triumph (Rússia, 1997), entre outros. Foi o primeiro pianista a apresentar-se em recital nos *BBC Proms* (1997) e, em 2000, o primeiro pianista convidado a tocar no concerto de abertura deste festival. Foram-lhe atribuídos doutoramentos honorários pela Escola de Música de Manhattan, pela Universidade de Hong Kong, pela Universidade Hebraica de Jerusalém e pela Universidade Ben-Gurión de Beer Sheba. Recebeu o Prémio Chostakovitch em 2003 e foi nomeado Membro Honorário da Royal Academy of Music, em Londres, em 2005. As suas gravações foram premiadas com os principais galardões internacionais.

András Schiff

András Schiff nasceu em Budapeste em 1953. Estudou na Academia Ferenc Liszt, com Pál Kadosa, György Kurtág e Ferenc Rados, e em Londres, com George Malcolm. Apresenta regularmente ciclos integrais das sonatas de Beethoven e das obras de J. S. Bach, Haydn, Schubert e Bartók, o que constitui uma parte importante do seu trabalho. Tendo colaborado com as principais orquestras e maestros do mundo, concentra-se agora também em apresentações a solo e como maestro. Foi um dos "Perspective Artists" no Carnegie Hall e, em 2022/23, foi Artista Residente na Filarmónica de Nova Iorque.

András Schiff é curador de um festival anual no Teatro Olímpico de Vicenza, onde se apresenta com a Cappella Andrea Barca, uma orquestra de câmara composta por solistas internacionais e músicos de câmara com quem trabalha desde 1999. Mantém colaborações regulares com a Orquestra de Câmara da Europa, a Orquestra do Festival de Budapeste e a Orchestra of the Age of Enlightenment.

Entre os galardões que lhe foram atribuídos, destacam-se a Medalha do Wigmore Hall (2008), a Medalha de Ouro da Fundação Internacional Mozarteum (2012), a Grã-Cruz de Mérito com Estrela da Alemanha (2012), a Medalha de Ouro da Royal Philharmonic Society (2013), o título *Knight Bachelor*, nas *Queen's Birthday Honours* (2014), e um doutoramento honorário pelo Royal College of Music (2018). Em 2021, foi galardoado com o Prémio Jean Gimbel Lane, pela Northwestern University, e com o Prémio Antonín Dvořák, em Praga. Em 2024, recebeu a Cruz de Honra Austríaca para a Ciência e a Arte, bem como o Anel Bösendorfer. Foi ainda laureado com o *Praemium Imperiale* de 2025, atribuído anualmente pela Associação de Arte do Japão e considerado o "Prémio Nobel das Artes". Em setembro de 2026, a Academia Ferenc Liszt, em Budapeste, atribuiu-lhe um doutoramento honorário.

Programas e elencos sujeitos a alterações sem aviso prévio.

De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

Mecenas
Gulbenkian Música

BPI | Fundação "la Caixa"

Mecenas
EGO

VIEIRA DE ALMEIDA

Mecenas
Piano e Orquestra

STONE

Mecenas
Ciclo de Piano

pwc

BPI | Fundação "la Caixa"

A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



Próximos concertos

Viagem à América

25 out
domingo 11:00 / 15:00

Concerto para Violoncelo de Dvořák

29 out
quinta 20:00

30 out
sexta 19:00

Quarteto Van Kuijk

02 nov
segunda 20:00

Petrouchka

Livestream gratuito*

05 nov
quinta 20:00

06 nov*
sexta 19:00

Fanny e Felix Mendelssohn

12 nov
quinta 20:00

13 nov
sexta 19:00

Evite tossir.

A tosse perturba os músicos e o público.
Se precisar de tossir, procure abafar o som.
Se persistir, saia discretamente e regresse no final
da obra ou do andamento.

Desligue o telemóvel.

O modo silencioso não impede alarmes
e um ecrã aceso é visível em toda a sala.
Não são permitidos registos de som ou imagem.



